



RESISTÊNCIAS EM DISPUTA:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO POLISSÊMICO DE
SIGNIFICAÇÃO DE "LUTA" E "OPRESSÃO"¹

RESISTANCES IN DISPUTE:
AN ANALYSIS ON THE POLYSEMIC PROCESS OF
RESIGNIFYING "STRUGGLE" AND "OPPRESSION"

Carolina FERNANDES²

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Docente da UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa. Tutora do Programa de Educação tutorial PET-Letras. E-mail: carolinafernandes@unipampa.edu.br.





RESUMO

Este artigo analisa o processo discursivo de deslizamento de sentidos das palavras *luta* e *opressão* bem como *guerreiro* e *opressor* que circulam em páginas da *web*, principalmente da rede social *Facebook*, cujas posições ideológicas são assumidamente de direita. Na perspectiva da Análise de Discurso de vertente materialista, consideramos que a polissemia e a resistência são constitutivas da linguagem, do sujeito e, assim, de todo processo discursivo, o que nos permite compreender o processo polissêmico de deriva de sentidos dessas palavras na conjuntura atual. Assim, concluímos que a significação de *luta*, *opressão* e seus derivados, produzida entre os movimentos de paráfrase e de polissemia, depende da posição-sujeito que o enunciador assume em sua relação com a memória discursiva, sendo, portanto, resultado de um gesto de interpretação, e não de um sentido único e consensual.

PALAVRAS-CHAVE

Análise do Discurso. Memória Discursiva. Polissemia. Resistência. Formação Discursiva de direita.

ABSTRACT

In this article we analyze the discursive process of meaning-shifting of the words “struggle” and “oppression” as well as “warrior” and “oppressor” circulating on web pages, especially on the social network Facebook, in which ideological positions are admittedly “right-wing” or “conservative”. From the perspective of Discourse Analysis on a materialist strand, we consider that polysemy and resistance are constitutive of language, of the





subject and, thus, of all the discursive process, which allows us to understand the polysemic process of meaning drift of these words in the current conjuncture. Therefore, we conclude that the signifying of “struggle”, “oppression” and its derivatives, done between the paraphrase and polysemy movements, depends on the subject-position that the enunciator assumes in its relation with the discursive memory, being, therefore, a result of a gesture of interpretation, and not the result of a single and consensual meaning.

KEYWORDS

Discourse Analysis. Discursive Memory. Polysemy. Resistance. Right-wing discursive formation.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscamos compreender o deslizamento de sentidos das palavras “luta” e “opressão” bem como “guerreiro” e “opressor” que circulam em páginas da *web*, principalmente da rede social *Facebook*, cujas posições ideológicas são assumidamente “de direita” ou “conservadora”. Para analisar o movimento dos sentidos, é fundamental considerarmos que estes não estão colados à palavra, nem mesmo são distorções da realidade, mas que resultam de processos discursivos cujo funcionamento depende de condições de produção determinadas historicamente. Nessa perspectiva, elegemos a Análise de Discurso de vertente materialista (doravante AD) como o observatório mais favorável para compreender a forma como a linguagem materializa o *discurso*, objeto teórico,





entendido como efeito de sentidos construído entre sujeitos interpelados por formações ideológicas³.

Para abordar os processos de significação junto aos de resistência, começamos nossa discussão teórica com o que já é um primado na AD, os pontos considerados incontornáveis para Michel Pêcheux em seu texto retificador “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês”, diz o autor ([1978]2009, p.281): “Não há dominação sem resistência”, o que significa que “é preciso ousar se revoltar; e ninguém pensa do lugar do outro, o que significa que “é preciso pensar por si mesmo”. O lema da revolta é comovente e compelativo: “sim”, pensamos, “vamos resistir, vamos nos revoltar, vamos pensar por nós mesmos, não cederemos passivamente à ideologia dominante”.

A defesa da resistência parece ser a fórmula de escape à “cegueira” ideológica, logoanalistas desenvolvem esse conceito segundo seu funcionamento como prática discursiva de luta contra o domínio do Estado e da ideologia burguesa. E quando a resistência inverte o ponto de partida? Quando os sentidos que se pretende estabilizar resultam de uma luta contra a própria resistência à subjugação forçada? Como não há sentidos que se fazem predominantes sem que a eles se ponha uma resistência, outras formas de revolta surgem. Nesse contexto, analisamos neste trabalho os efeitos de sentidos que a polissemia de

³ Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2010, p. 27) define *formação ideológica* como sendo “uma força confrontada a outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado”.





“luta” e “opressão” produzem na conjuntura atual, questionando os efeitos positivos para toda e qualquer forma de resistência⁴.

O CONCEITO DE RESISTÊNCIA NA ADE O TEMA DA ANÁLISE

Leandro-Ferreira (2015) discute o conceito de resistência mostrando como ele se legitima no dispositivo teórico-metodológico da AD agindo desde o modo como operamos os conceitos em nossa prática analítica, sobretudo porque a AD resiste enquanto teoria científica e resiste à linguística enquanto ciência piloto, já que em sua constituição opera uma desterritorialização para construir um novo campo teórico (HAROCHE;PÊCHEUX; HENRY [1971] 2010). Segundo a autora (2015, p.161), a noção de resistência é da ordem da ruptura e se faz no interior da língua (por meio do equívoco), da história (por meio da luta de classes), e do sujeito (por meio do inconsciente). É, portanto, intrínseca à constituição do sujeito simbólico e social, o que o faz resistir à dominação “nem sempre de forma consciente e nem sempre de forma exitosa, mas o faz sem cessar”, diz ela (2015, p. 165). E ao resistir, o sujeito marca na linguagem sua contradição e seus dilemas resultantes da revolta instalada por certas desidentificações.

⁴ Refiro-me, por exemplo, a discursos em defesa da liberdade de expressão e do senso crítico como aquele posto em circulação pelo professor de história catarinense que prega um revisionismo da história em defesa do nazismo, sobre suas aulas um ex-aluno comenta: “O que mais gosto dele é essa forma de despertar o senso crítico dos jovens, mostrar que nem sempre o que se conta é o que realmente aconteceu. [...] Ele abriu muito minha cabeça e de alguns amigos. Posso dizer que devo parte do meu senso crítico a ele” (SANTI, 2017, p. 55). Isso revela que o professor rompia com o imaginário social sobre o nazismo, trazendo um “outro olhar”, um modo de dizer que enfatizava pontos positivos sobre o totalitarismo de Hitler. Rompia com o estabilizado, portanto, incitando novos gestos de interpretação e, assim, posições-sujeito favoráveis ao nazismo, tanto que uma turma, ao homenageá-lo na cerimônia de formatura, fez o sinal da saudação nazista.





A língua na sua relação constitutiva e contraditória com o sujeito e a história comporta as falhas que abrem brechas para outros sentidos, antes inconcebíveis, e que surgem no fio do discurso. De acordo com Leandro-Ferreira (2000, p. 24): “para a AD, a falha, a fissura, o deslizamento não são índices negativos, são *lugar de resistência*, lugar do impossível (nem tão impossível) e do não-sentido (que faz sentido)”. Como língua e sujeito se constituem mutuamente (PÊCHEUX, [1975] 2009), tais resistências vão incidir no discurso de diversas formas ao romper com um sentido e produzir um outro, tal qual o próprio ato de fundação da AD.

A resistência é, portanto, constitutiva do processo discursivo e não um adendo. É o que Pêcheux concluiu ([1978]2009) ao afirmar que não se pode pensar em dominação sem resistência, logo não se considera a interpelação ideológica ou a língua sem suas falhas. A ruptura é sempre uma possibilidade, por isso, nos textos teóricos da AD é tão repetida a citação de Pêcheux ([1983] 1990, p. 54): “enunciados podem sempre vir a ser outros”. É nessa perspectiva que Orlandi (2009, p. 27) considera dois processos na produção de discursos: a repetição (paráfrase) que retoma uma mesma formação discursiva, e a ruptura ou deslizamento de sentidos (polissemia), que rompe com a formação discursiva dominante. A paráfrase é necessária para a construção histórica dos sentidos, constituindo a historicidade da língua, mas como os sentidos se movimentam conforme mudam as condições de produção, outras possibilidades de dizer surgem, como no caso em análise, que a palavra “luta” no contexto da ditadura militar significa ir contra ao regime de exceção e conclamar a democracia, vemos no contexto a ser analisado a produção de sentidos diferentes.





A história de nossa nação é marcada pelos efeitos das práticas discursivas de *resistência*, das quais destacamos: a resistência à dependência de Portugal, a resistência dos negros à escravidão, e outra mais recente, a resistência à opressão da ditadura militar que incidiu na luta por democracia e pelo respeito aos direitos humanos. Instalado o golpe civil-militar de 1964, com a promessa de “defender o país da ameaça comunista” e “estabelecer a ordem para permitir o progresso”, o governo militar suprime os direitos constitucionais e passa a perseguir os considerados “subversivos”, comunistas ou mesmo opositores ao regime. O medo não intimidou aqueles que “revoltados” (no sentido marxista-leninista como ressalta Pêcheux, [1978]2009) buscaram na luta armada o caminho para combater o Estado opressor.

Com o pretexto de condenar esses opositores por “terrorismo”, atos institucionais severos como o AI-5 deflagraram o terror na sociedade intelectual da época que, em virtude da identificação com formações ideológicas revolucionárias, viesse a se aproximar de membros dos grupos armados. Tamanha repressão, imposta por meio de tortura e morte dos acusados de crime político, não foi suficiente para calar a voz da resistência que se fez ouvir por meio das músicas censuradas e outras artes. Armas, arte e manifestações foram os modos de luta contra a opressão considerada necessária pelo Estado para garantir a ordem.

Nesse contexto, os discursos políticos dividiram-se entre o apoio aos militares e a oposição ao regime ditatorial, o que caracterizou a direita e a esquerda no país:

No Brasil um componente importante do uso da terminologia esquerda e direita está relacionado com o apoio à ditadura militar (direita) e oposição à mesma (esquerda). Nesse cenário a defesa da democracia acaba sendo um carro-chefe para a esquerda, sobretudo





na sua vertente participativa. A direita, mais avessa a estratégias consideradas “subversivas”, em nome da ordem defenderia a democracia representativa, com todas as suas nuances (ScheeffFer, 2014).

A produção de sentidos para esquerda e direita⁵ passam a configurar duas *formações discursivas*⁶ antagônicas no campo discursivo político que, a partir do movimento entre a paráfrase e a polissemia, produzem efeitos de sentidos distintos para “opressão” e “luta”: uma em paráfrase com o discurso do Estado, a direita da época julgava a opressão necessária, e a luta se fazia contra a desordem promovida pelos ditos “subversivos”; outra em rompimento com o discurso do Estado (polissemia), a luta a se travar era contra a opressão desumana de um governo ditatorial e capitalista.

Apesar do apoio de uma parte da sociedade, a demanda por democracia legítima começa a ressoar mais fortemente no corpo social dos anos 1970, obrigando o governo a uma abertura a qual promoveu de forma “lenta, gradual e segura” através da política de distensão de Geisel (Indursky, 2013, p. 325). O predomínio da intolerância cedeu, finalmente, com a repercussão internacional da morte do jornalista Vladimir Herzog nas dependências do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa

⁵ Para Bobbio (1995, p. 31), esquerda e direita “são termos antitéticos que há mais de dois séculos têm sido habilmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas”. Entretanto, essa distinção não é precisa já que os sentidos se movimentam na inscrição da história na linguagem, tornando esses campos heterogêneos no seu próprio interior e produzindo convergências além de divergências. Por outro lado, a insistência no Brasil pela divisão política entre direita e esquerda nos leva a considerar essa distinção mesmo com suas contradições.

⁶ As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas, “determinando o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, [1971] 2010, p. 27).





Interna (DOI-Codi). Seu suicídio mal simulado não convenceu a imprensa internacional que pressionava o presidente Geisel para dar respostas sobre as ações militares contra civis que infringiam os direitos humanos, fato que era negado pela ditadura. Retrataros a resistência da população pelas palavras de Indursky (2013, p. 331-32):

Prisões, mortes, torturas, desaparecimentos marcaram a vida do país pós-AI-5. E morte de Herzog funcionou como um estopim junto à sociedade civil. Uma missa ecumênica, reunindo milhares de pessoas dentro e fora da Catedral, na praça da Sé, no centro de São Paulo, foi celebrada em protesto pela morte de Herzog. Um forte aparato policial foi montado para impedir as pessoas de chegarem ao local, mas isso resultou em vão. A missa realizou-se com cerca de mil pessoas no interior da Catedral e milhares de outras dispostas pela escadaria e na Praça, gritando palavras de ordem pela volta da democracia.

Tal pressão social e internacional resultou na Lei da Anistia de 1979, cujo propósito de dar anistia ampla, geral e irrestrita aos acusados de crime político neste período estendeu-se aos acusados pelos “crimes conexos” a estes, ou seja, os torturadores e assassinos que agiram pelo regime militar também foram perdoados. Segundo Indursky (2013) ainda, a lei da Anistia não trouxe justiça para as famílias das vítimas, e serviu apenas como um “pacto social” firmado entre o governo militar e o poder legislativo mantido imutável até hoje.

As sequelas do que o país sofreu nos “anos de chumbo” produzem ainda seus efeitos, como questiona Indursky (2013, p. 324): “Com o término da ditadura, esperava-se que as vozes até então capturadas voltassem a se fazer ouvir, mas não foi bem isso que sucedeu”. Para a autora (2015, p. 13), a Lei da Anistia se enquadra no que chamou de “Política de





Esquecimento”, operada pelo Estado, mas também pela grande mídia identificada com o poder da classe dominante.

Como reação a essa Política de Esquecimento foi preciso reconstruir a memória histórica para não deixar em silêncio o que o Estado tentava apagar juntamente com seus documentos arquivados ou incinerados. Assim, como “Políticas de Resgate da Memória” (INDURSKY, 2015, p. 13), depoimentos e narrativas de sofrimento foram registrados de diferentes modos: em filmes, livros, documentários, pesquisas científicas, relatórios de movimentos sociais, tudo o que pudesse trazer à tona as atrocidades cometidas pelo governo e silenciadas pela mídia conivente com a ditadura. Ainda na tentativa de romper o silêncio das vítimas e se fazer justiça, mesmo que fosse uma justiça moral (INDURSKY, 2013), foi criada em 2012, durante o governo de Dilma Rousseff, ex-guerrilheira e prisioneira política do regime militar, a Comissão Nacional da Verdade (CNV), cuja missão era “apurar as violações aos direitos humanos ocorridas no período entre 1946 e 1988, que inclui a ditadura (1964-1985)” (Daltoé, 2016, p. 152). Para Daltoé (2016, p. 154):

A CNV vem, portanto, representar um importante instrumento para ajudar a reconstruir essa fase da nossa história sob um outro ponto de vista, a partir do relato das próprias vítimas e/ou de seus familiares nas audiências que promoveu por todo o País. Trata-se de um novo espaço de dizer, de uma narrativa outra.

Sob o cajado da história, a voz das vítimas se fez ouvir para contar sua resistência e seu sofrimento. De acordo com Indursky (2015, p. 13), além de fazer parte das Políticas de Resgate da Memória, a CNV funciona como um “acontecimento discursivo”, instalando uma nova discursividade sobre os acontecimentos históricos daquele período, mostrando que o





Estado reconhece seus crimes, e imprimindo um gesto de interpretação de desmonte do imaginário de “anos dourados” para a ditadura ou mesmo de ditadura como “dita branda”, como é informalmente enunciado. Foi preciso muito trabalho de pesquisa para resistir ao apagamento histórico, travou-se uma “luta” simbólica contra o esquecimento imposto que, como veremos mais adiante, ainda convoca seus “guerreiros” a agir.

COMO ESSAS PALAVRAS PRODUZEM SENTIDO HOJE

Com a Análise do Discurso aprendemos que não há uma relação direta entre o homem e o mundo, entre as palavras e as coisas, visto que a linguagem faz a mediação imaginária e necessária nesse encontro do sujeito discursivo com o real que lhe é inatingível (Gadet; Pêcheux, 2004). A linguagem está no mundo e não fora dele para representá-lo. Isso implica dizer que o sentido é material e a exterioridade constitui a materialidade linguística (PÊCHEUX, [1975] 2009), sendo essa relação, portanto, inerente ao processo significativo. Essa perspectiva não concebe um sistema linguístico mobilizando objetos previamente significados, mas considera que um sujeito ideológico produz sentidos para tal objeto a partir de um interdiscurso do qual lhe permite recuperar sentidos já produzidos em outros dizeres através do processo parafrástico. Esse processo de significação é, então, apagado pela ideologia que faz a linguagem funcionar como se fosse transparente. Segundo Orlandi (2007), esta é a função do imaginário: produzir o efeito de evidência de sentidos, de transparência da linguagem, de que só pode se falar assim.

Entretanto, Pêcheux ([1983] 1990) alerta para o fato de os sentidos sempre estarem em movimento e seus deslizamentos tornarem possíveis o rompimento com o imaginário instituído para produzir um novo modo de dizer. O que





o autor ([1978] 2009) destaca é o aspecto político da linguagem que faz o dizer se dividir permitindo o sujeito rejeitar o já-dito (o realizado) e produzir outros dizeres que rompem com a ordem da continuidade (o irrealizado), “a polissemia”, segundo designação de Orlandi (2003).

Considerando as condições de produção em análise, observamos que os documentos sobre o regime militar formam um *arquivo*⁷ de textos, sons e imagens que alimentam continuamente a memória discursiva e a memória histórica sobre esse período, produzindo efeitos de sentidos para os significantes “opressão” e “luta” que resistem ao imaginário de “revolução” e “democracia” defendidos pelo governo militar da época. O arquivo que denuncia o abuso de poder cometido pelos militares funciona como uma tentativa de controlar esses deslizamentos e “congelar” os sentidos (Orlandi, 2003, p.15) que formam o imaginário dos “anos de chumbo”. Este é um modo de resistir ao apagamento na memória histórica que buscou forjar uma democracia encobridora do golpe de 1964 e do regime ditatorial que dele decorreu.

Dentre as formas materiais do discurso de resistência ao esquecimento/apagamento histórico, destaco o projeto que deu origem à série de documentários de mesmo nome: “Resistir é Preciso” (2014), com direção de Ricardo Carvalho e posto ao ar na TV Brasil em 2016 com classificação indicativa de 12 anos. O Projeto “Resistir é Preciso – Jornais que fizeram história”, do Instituto Vladimir Herzog, faz uma pesquisa historiográfica a partir de depoimentos de jornalistas, escritores, estudantes e ativistas políticos que resistiram à ditadura militar brasileira através da palavra impressa. Segundo a página do Instituto, o projeto busca “estimular

⁷ Arquivo é definido por Pêcheux ([1982] 1994, p. 57) como o “conjunto de documentos sobre determinada questão”.





o debate sobre a importância da imprensa alternativa e reafirma seu compromisso com a memória nacional, o desenvolvimento social do Brasil e a promoção dos direitos humanos, elementos fundamentais para o aprimoramento do regime democrático”⁸. O documentário textualiza, feito um documento, a privação de liberdade, a repressão e mesmo a tortura a que eram submetidos os opositores ao regime militar, produzindo um efeito de verdade sobre tal acontecimento histórico.

O arquivo, segundo Orlandi (2003), funciona como memória institucionalizada que estabiliza os sentidos, é aquela “memória nacional” a que clamam os realizadores do projeto “Resistir é preciso”, que busca contar a “verdadeira história” da ditadura, aquela única possível de ser contada⁹ por essa formação discursiva. Entretanto, enquanto o arquivo funciona estabilizando os sentidos em torno do realizado, produzindo o efeito de consenso social, a memória discursiva continua trabalhando no interdiscurso¹⁰, trazendo ao eixo da formulação enunciados rejeitados por este arquivo, tais como “a época dos militares é que era boa”, “com a segurança fornecida pelos militares, o país estava livre da corrupção e da bandidagem”, “os militares promoveram um milagre econômico”, entre outros enunciados atualizados por uma parte da sociedade “ressentida da liderança” como afirma Indursky (2016, p. 79).

⁸ Disponível em: <http://resistirepreciso.org.br/>.

⁹ Função exercida pela Comissão Nacional da Verdade, mantida pelo Arquivo Nacional entre 2011 e 2014, que resgatou documentos e depoimentos sobre as violações aos direitos humanos ocorridos durante o regime militar no Brasil.

¹⁰ Interdiscurso é o “complexo com dominante das formações discursivas” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 149), compreendendo o eixo vertical do dizer onde o discurso pode se constituir.





Ressaltamos o fato de, no contexto das manifestações de 2015 contra corrupção e o governo Dilma Rousseff¹¹, certos jovens, que nasceram muito depois do término da ditadura, clamaram por intervenção militar, exaltando a imagem de “opressores” contra os “comunistas” ou “esquerdistas”, isso faz retornar discursos antes negados e moralmente censurados pelo Estado governado há 13 anos pelo Partido dos Trabalhadores (PT), cuja orientação política está mais à esquerda¹². O discurso de adoração ao regime militar resiste à Política de Resgate da Memória, fazendo ressoar em diferentes redes discursivas, na internet sobretudo, enunciados mantidos no interdiscurso e que agora se atualizam no fio do dizer por meio da memória discursiva, produzindo um efeito de retorno, ou de *slow motion* como caracterizou Indursky (2019, p.142).

Desse modo, o processo de significação de “luta” e “opressão”, realizado entre os movimentos de paráfrase e de polissemia, depende da posição-sujeito¹³ que o enunciador assume em sua relação com a memória discursiva, sendo, portanto, resultado de um gesto de interpretação (ORLANDI, 2007), e não de um sentido único e consensual.

Neste trabalho, analisamos esse processo discursivo a partir de recortes de páginas da internet, a saber: um *site* sobre resistência à ditadura e *homepages* de rede social que manifestam apoio ao discurso

¹¹ Segundo Indursky (2019, p.78), “os manifestantes que atenderam a tal chamamento e foram às ruas pertencem às classes média, e média-alta, alinham-se ideologicamente ao centro, ao centro-direita e à extrema-direita do espectro político brasileiro na contemporaneidade”, esse é o grupo social que estaria ressentido da liderança do país durante esses 13 anos.

¹² Ressaltamos que tanto Luís Inácio Lula da Silva, que exerceu dois mandatos na presidência da República, quanto sua sucessora Dilma Rousseff foram presos durante o regime militar.

¹³ É a posição assumida pelo sujeito em determinada formação discursiva, a posição-sujeito representa “no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura da formação social” (LEANDRO-FERREIRA *et al.*, 2001, p. 18).





ditatorial. Sendo a incompletude condição da linguagem e a dispersão o modo de circulação dos discursos, a noção de recorte como “unidade discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14) nos ajuda a organizar nosso gesto analítico de modo a tornar visível a polissemia em torno dos significantes “opressão” e “luta” bem como “opressor” e “guerreiro”. Estes foram buscados através de *hashtags* na rede social *Facebook* o que nos levou a diversas páginas de apoio ao político e capitão do exército Jair Messias Bolsonaro. Como nosso foco estava no deslizamento de sentidos desses significantes, foram incorporadas aos *corpora* sequências discursivas (INDURSKY, 2013, p. 61)¹⁴ de outras redes, sites e notícias que passaram a compor o grande arquivo da pesquisa intitulada Análise de Discursos de Resistência.

Tendo em vista que o dispositivo teórico-analítico da AD nada se assemelha a metodologias quantitativas, não é de nosso interesse saturar o *corpus* da pesquisa, mas selecionar, a partir dele, sequências discursivas (SDs) que possam nos fornecer pistas sobre o funcionamento dessa nova forma de resistência que surge dentro do próprio discurso de opressão. Assim, levando em conta as condições de produção, os objetivos da análise e o conflito entre as formações discursivas antagônicas, operamos quatro recortes, delimitados por nós conforme seu modo de funcionamento: Recorte 1 – A resistência de direita, Recorte 2 – Oprimindo nas escolas, Recorte 3 – Oprimir é legal, Recorte 4 – A luta

¹⁴ Para a autora (2013, p. 61), sequência discursiva (SD) é o que resulta do gesto de recorte operado pelo analista de discurso que “recorta uma porção indissociável de linguagem-e-situação”, ou seja, a SD não é um fragmento da superfície linguística, mas o todo dessa porção da materialidade constituída pela exterioridade.





pela opressão continua¹⁵. Compõem as SDs diferentes materialidades como a linguística, a audiovisual e a imagética. As SDs foram numeradas sequencialmente em cada recorte, compondo quatro blocos de unidades discursivas que, no decorrer das análises, nos permitem compreender o funcionamento da resistência que produz o deslizamento e a polissemia para os sentidos de luta e opressão.

ANÁLISE: A OPRESSÃO QUE RESISTE

Sendo que não há “ritual sem falhas” como diz Pêcheux ([1978] 2009), não há garantia no controle dos sentidos pelo arquivo. E diferente da memória social (INDURSKY, 2015, p. 12)¹⁶ que se pretende neutra e uníssona, apagando os sentidos indesejados pela formação discursiva dominante, a memória discursiva funciona resgatando os sentidos possíveis para luta e opressão dentro daquilo que já foi dito antes e em outro lugar (o patamar do interdiscurso), onde os dizeres podem ser recuperados no intradiscurso para ressoar na matéria atual fazendo-a legível e interpretável. Isso significa que não apenas os sentidos do lado da esquerda ou da antidadura são recuperados, aqueles dizeres a favor da intervenção militar que incitaram o golpe de 1964 também são possíveis de retornar pelo trabalho da memória do dizer. Isso é o que vemos nos comentários sobre o documentário já mencionado “Resistir é preciso”:

¹⁵ A nomeação dos recortes representa os efeitos de sentidos que são a partir deles produzidos.

¹⁶ INDURSKY (2015, p. 12) define memória social como “um conjunto de saberes regulados por Aparelhos Ideológicos de Estado, filtrados e discursivizados por práticas inscritas em Formações Discursivas”.





Recorte 1: A resistência de direita

- SD 1 São tudo comunista, querem distorcer a história. Os militares estavam apenas lutando contra o comunismo no Brasil. Péssimo documentário...
- SD 2 Bando de nojentos... Ficam contando vantagens, golpezinhos, rindo, todos espertalhões.
- SD 3 Cambada de comuna !! Viva os militares que salvaram o Brasil dessa raça !! Esses comunas torturaram também !! Na URSS o povo lá não foi torturado ?? E aqui não torturaram ninguém ??? Eram todos bonzinhos ???
- SD 4 Lamentável essa merda, continuam distorcendo, sorte que tem pessoas que não caem nessas falácias, meias verdades. Coitadinhos deles, bando de safados.

O documentário, ao revelar as atrocidades das torturas cometidas pelo governo militar e escancarar a farsa do suicídio do jornalista, é avaliado como “péssimo” e “lamentável” para determinados internautas que comentaram na página. E o que é retratado no audiovisual produz para esse sujeito discursivo o efeito de sentido de distorção da realidade ou “falácias” contatas por “comunistas” ou ainda, “comunas” e “bando de “nojentos” ou “safados”¹⁷ como designam nos SDs acima.

Para o sujeito identificado com o regime ditatorial, a luta legítima é aquela contra a ameaça de uma revolução comunista e se faz por meio de uma “opressão necessária” para proteger o povo brasileiro do comunismo. Notamos, assim, que essas formulações se inscrevem em uma formação discursivade apoio à intervenção militar e condena a subversão como atos

¹⁷ Para Indursky (2019), no Brasil, o movimento anticomunismo produz um discurso de ódio que enverga da posição-sujeito de direita para a posição-sujeito fascista.





terroristas de comunistas. E esse deslizamento de sentidos circula mais fortemente nas manifestações de 2015, a partir de quando passamos a ouvir a própria canção-tema da resistência à ditadura, a música “Para não dizer que falei das Flores”, de Geraldo Vandré, entoada nas marchas cujos cartazes clamam pela intervenção militar.

SD 5:

Imagem1 – Imagem printada do vídeo de manifestação contra corrupção



Fonte: O popular (2016)¹⁸.

A música de Geraldo Vandré surge com sua memória de luta anterior que é com frequência atualizada em protestos cujas bandeiras se agitam por melhores condições de trabalho e pela rejeição à perda de direitos conquistados. Entretanto, nesse evento da SD 2 sua materialidade é ressignificada a favor daquilo mesmo a que rejeitava no momento de sua formulação. Há uma torção na própria memória do dizer, trazendo o irrealizado como sentido possível para esta canção. O efeito de sentido de união, de luta por um propósito comum

¹⁸ Agradeço à Cristina Zanella por compartilhar o vídeo com o Grupo de Estudos Pecheutianos e por apoiar seu uso nessas análises.





permanece, entretanto, o desejo de todos agora é aquele contra a corrupção que fragiliza o país. A intervenção militar se faz necessária nessa matriz de sentidos para combater o “mal” da corrupção que, segundo seus defensores, assola a todos, “somos todos iguais”, mesmo que não tenhamos a mesma posição política, “braços dados ou não”. A intervenção militar se faz urgente, por isso se convoca o povo à luta imediatamente com a letra da canção: “Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer”. E com esta “luta”, o que se pretende é a mudança: “A certeza na frente/ A história na mão/ Caminhando e cantando/ E seguindo a canção/ Aprendendo e ensinando/ Uma nova lição”. A gestualidade (FERNANDES, 2008) da melodia da canção é aproveitada para causar o efeito da convocação, da união, da luta pelo bem de todos pela “certeza que vai na frente”, mudando a história e ensinando “uma nova lição”, aquela da história “certa”, de que a intervenção militar é revolução e não golpe. Observamos em outras condições de produção ser esta uma reivindicação recorrente de uma parcela da sociedade que materializa a tensão política da disputa pelos sentidos e pela memória coletiva, para que a História, essa da memória nacional e oficial, registre a ideologia à qual se identifica e defende, com os sentidos que nela se produzem.

Nessa tentativa de revisionismo do arquivo histórico, a língua é afetada pela fratura na memória coletiva, que segundo Indursky (2015, p. 24) promove uma “dobradura” na memória que recalca os sentidos antes produzidos. Desse modo, “opressão” se torna algo pelo que lutar e não o inverso. No contexto de disputa eleitoral de 2018, a “Série Oprimindo nas escolas” da página do



Facebook “Alunos de Direita”¹⁹ produz o efeito de sentido de que oprimir e ser opressor ou guerreiro (por lutar do lado da opressão) deve ser visto com admiração como mostraremos a seguir.

Recorte 2: Oprimindo nas escolas

As sequências abaixo são descrições divulgadas na página Alunos de Direita (2017) de fotografias de jovens em sala de aula, diante do quadro negro com os dizeres “Bolsonaro 2018”, alguns fazem sinal de continência e outros fazem gesto de arma com a mão²⁰. A “série” ganha repercussão na *web*, sendo citada em outras redes, em canais do *Youtube*, e em *homepages* de *think-tanks*²¹ como vemos na figura 02 (SD 1).

¹⁹ A página Alunos de Direita, acessada em julho de 2017, não está mais disponível em março de 2020, entretanto permanece acessível o grupo com o mesmo nome identificado (ALUNOS DE DIREITA, 2020). Além disso, é possível, encontrar publicações similares em: “Eu era de direita e não sabia”, “Começou a opressão”, “Jovens de direita”.

²⁰ Por respeito ao direito de imagem não divulgaremos as fotografias aqui mencionadas, apenas a figura 02 que traz a imagem de uma publicação *on line* sobre as fotografias.

²¹ *Think tanks* são entidades que se dedicam a produzir e difundir informações sobre temas específicos com o propósito de influenciar a sociedade e decisões na política segundo Nexo Jornal (2017).

SD 1:

Imagem2 – Postagem na página Alunos de Direita tratando da publicação do site ILISP.org



Fonte: página Alunos de Direita (2017).

O texto do Instituto Liberal do São Paulo (ILISP, 2016) critica o fato de alunos terem sido suspensos após manifestação de apoio ao então candidato Jair Messias Bolsonaro para publicação na página do Facebook, ao passo que as escolas não censurariam os alunos que criticam o mesmo candidato, reproduzindo o discurso de que a escola é partidária da esquerda.

A seguir trazemos algumas descrições que foram postas junto às fotografias divulgadas na página Alunos de Direita:

SD 2: Esses **guerreiros** de SP mandaram sua foto **opressora** e nós publicamos para vocês... Parabéns **guerreiros** por escolherem o único homem que não tem rabo preso nesse país, ele mesmo Jair Messias Bolsonaro!



- SD 3: Essa turma de **guerreiros** de Campinas, SP já decidiram que para mudar o Brasil precisamos de Jair Messias Bolsonaro para presidente em 2018, e você ainda tem dúvidas?
- SD 4: Direto da baixada fluminense no Rio de Janeiro, esses **guerreiros** mandaram seu apoio para nosso futuro presidente Jair Messias Bolsonaro. Parabéns jovens **guerreiros**, a direita está dominando o Brasil e libertando os jovens da doutrinação marxista do ensino do MEC.
- SD 5: Por mais perseguições que nossa página tem levado por parte de diretores de escolas doutrinados pelo marxismo, não vamos parar, a **opressão** continua e os alunos mostram que não são ovelhas, mas leões. 2018 essa cultura começará a minar de maneira que deixará de existir no Brasil.

Opressor, opressora e opressão nestes enunciados dizem respeito a quem resiste à “doutrinação marxista”, lutando como um “guerreiro” pela libertação dessa formação ideológica. Os sentidos produzidos para os significantes “opressão” e “guerreiro(s)” retornam com seu efeito de necessidade na resistência ao arquivo de *Resgate da Memória* (Indursky, 2015) que acaba circulando nas escolas. O apoio à candidatura de Jair Bolsonaro (SD3) materializa essa posição ideológica, já que o candidato e capitão da reserva do Exército defende publicamente a ditadura militar até mesmo homenageando torturadores²². Além dessa “luta” dentro do próprio aparelho do Estado, a ressonância da opressão se faz presente em outros contextos, banalizando seu uso como veremos no recorte 3.

²² Sobre isso ver análise de Daltoé e Marques (2017).



Recorte 3: Ser opressor é legal

Esse recorte é constituído a partir da busca no Facebook pela *hashtag* “opressor” que nos levou a páginas como esta de Alunos de Direita que idolatram o político Jair Messias Bolsonaro como um “mito”, o “guerreiro” ou ainda o “herói” salvador de nossa pátria (Figura 03).

SD 1

Imagem 3 –Captura de tela da página do Facebook “Alunos de Direita”.



Fonte: Alunos de Direita (2017).

A imagem do até então candidato à presidência com escudo na mão e vestido como um super-herói da república produz o efeito de sentido de que ele seria a salvação para o país, combateria o mal, livraria a população daqueles que consideram os usurpadores da nação. Sobre o funcionamento discursivo da figura do herói afirmam Grigoletto e De Nardi (2015, p. 120):

FERNANDES, C. Resistências em disputa: uma análise do processo polissêmico de significação de “luta” e “opressão”. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 294-334, set./dez. 2020.



Nos diferentes olhares que se colocam sobre o herói, o que aparece como recorrência é o fato de ser ele uma fonte perene de identificações imaginárias e de identidade coletiva, desde as antigas epopeias, quando se estabelece sua ligação estreita com o mito nacional, até a contemporaneidade, quando ele assume aspectos peculiares em representações culturais fortemente mediadas pelos discursos midiáticos, com sua propensão à espetacularização.

O sujeito autodesignado “opressor” se identifica com um grupo social, produzindo o efeito de uma “identidade coletiva” como dizem as autoras acima, ou ainda, uma espécie de “irmandade” que venera seu mito - codinome dado ao deputado desde a campanha presidencial. A defesa do armamento da população em seu discurso político também serviu para fomentar identificações identitárias com esse “mito ou herói” como vemos nos gestos feitos com as mãos por seus eleitores que representam armas assim como o próprio Bolsonaro costuma fazer (SD2 por ex.).

As SDs a seguir são descrições de fotografias de usuários da rede social publicadas na *homepage* Alunos de Direita:

SD 2: Quando o casal é **opressor** e os amigos também são, não tem como a foto ficar melhor hein? Parabéns pela bela foto **guerreiros**. [Descrição para a fotografia de noivos no casamento com dois amigos, um com uma arma na mão os outros fazendo arma com o gesto das mãos, um deles ainda carrega um papel escrito “Bolsonaro 2018”].

SD 3: Aquele bolinho surpresa bem **opressor** #bolsonaro2018 #**opressor**. [Descrição para menino em sua festa de aniversário, o bolo traz o rosto de Jair Bolsonaro que aparece também no banner de fundo vestido de super-homem].

SD 4: Santo Treino **Opessor**!! OSSS #mma #boxygirl #opressor [mulher sobre os ombros de dois homens, todos lutadores de MMA em posição de luta].





SD 5: Olha que **opressor** mais lindo... quantas curtidas ele merece? Parabéns pelos pais que estão criando esse lindo garoto nos caminhos certos. Sem MIMIMI #Bolsonaro2018 #**opressormirim** [Descrição da foto: a mãe mostra o filho de um ano vestindo camiseta branca com a imagem do rosto de Bolsonaro em preto e os dizeres: “Chega de MI MI MI”].

Nessas SDs a palavra “opressor” serve para qualificar positivamente o casal e seus amigos, o bolo de aniversário, treino de MMA e o garotinho; assim equivale a algo “legal”, “intenso”, “bem-feito”, “bonito”, “gracioso”, “interessante”. O efeito de sentido para “opressor” extrapola aqui a teia de sentidos construída pelos processos sócio-históricos que engendram a relação entre as classes sociais, passando o significante a ser usado de modo trivial para caracterizar tudo que possa ser elogiável dentro desta formação discursiva.

Além disso, ressaltamos na SD 5 o uso da expressão “Chega de MI MI MI” enunciada pelos sujeitos identificados com o discurso bolsonarista para se referir com desdém a reivindicações da parcela oprimida da população que sofre preconceito, violência ou mesmo descaso do poder público. Nessa formação discursiva, eleger tal candidato significaria banir esses discursos da sociedade e promover uma inversão das políticas públicas em que quem se beneficiaria seria o taxado “cidadão de bem”, o trabalhador que trabalha duro e não reclama das condições empregatícias, a pessoa que é promovida pelos seus méritos (isso dentro do discurso da meritocracia) etc.

O efeito de identidade coletiva continua nas próximas sequências discursivas:





SD 6: Pra começar bem o fds dando aquela **oprimida...**
#bolsomito #bolsonaro2018 #opressor#perdendoamigosnofa
cebook #choraesquerda#comofiltraramigosnoface

SD 7: Se preparando para **oprimir** na faculdade hein? Parabéns pela
atitude **guerreiro**.

Nas SD 6 e 7, os sujeitos-enunciadores trazem na camiseta estampado o rosto e/ou nome do então candidato à presidência “Bolsonaro”. Uma das camisetas ainda mostra os dizeres: “É melhor JAIR se acostumando, Bolsonaro 2018”, o que, pela homofonia entre o nome Jair e as palavras “já ir”, produz um efeito de provocação, levando ao que o outro *post* enuncia: “[*hashtag*] perder amigos no Facebook”. A camiseta materializa visualmente sua posição ideológica, remetendo a que grupo o sujeito pertence, expondo uma identidade forjada na identificação com o movimento atual de “opressão” e resistência ao temido “comunismo”, ou ainda, aos considerados inimigos da pátria que atrasam seu progresso, àqueles do “mi mi mi”²³. A expressão “vestir a camiseta”, originalmente usada na discursividade futebolística, remete a comprometimento, colaborar com seus pares para um resultado positivo para o grupo. Por isso, fala-se em “vestir a camiseta” da empresa, da instituição, da organização, do partido etc. Neste caso, não há uma unidade partidária ou uma organização propriamente que singularize uma identidade política, mas o efeito de identidade/unidade se faz em torno da escolha de um candidato manifestada publicamente pela exposição na camiseta de seu nome ou de seu rosto. Observa-se também que as atividades descritas nas SDs

²³ Voltamos à SD 2 do recorte 1 para observar melhor a imagem do rapaz que está atrás da bandeira que apela intervenção aos militares. Ele veste camiseta branca com a imagem de Bolsonaro em preto e sobre os ombros uma bandeira do Brasil, mostrando que esses modos e formulação estão em uma mesma matriz de sentidos.





são parabenizadas pelos administradores da página como atos de coragem de “guerreiros”, incentivando sua prática como uma “luta necessária”.

Recorte 3: A luta pela opressão continua

Embora, no contexto atual em que o candidato já foi eleito, a *homepage* Alunos de Direita não esteja mais disponível na rede, suas publicações serviram aos propósitos de divulgação e filiação de jovens ao discurso bolsonarista preparando o terreno para as eleições de 2018. E ainda hoje encontramos outras *homepages* e grupos privados na rede social com o mesmo propósito de lutar contra a esquerda considerada por eles “doutrinadora”, como vemos no texto de apresentação da *homepage* “Eu era direita e não sabia”²⁴ (SD 1).

SD 1:A direita venceu!

Ficamos felizes de fazer parte dessa história, dessa **batalha** que travamos ao lado do capitão Jair Bolsonaro durante todos esses anos. Nossa pagina chegou a ser a maior do Brasil e continua sendo a maior do estado da Bahia, em meio a muitas perseguições por parte do Facebook, **resistimos** e somos a única pagina de grande porte de direita que não foi derrubada.

Foi uma satisfação termos conhecido o nosso capitão quando ele ainda só era um sonho, agora continuamos a **luta** pois essa esquerda medíocre juntamente com mídias jornalística tipo rede Globo e Folha de São Paulo, tentam a todo custo nos trazer desordem e caos.

Vencemos a batalha, mais **aguerra** ainda esta longe de acabar.

Força Capitão, força **guerreiros** seguidores, juntos somos invencíveis.
Grato

Nesta apresentação da página em formato de carta é discursivizado o conflito político entre direita e esquerda, enaltecendo as virtudes daqueles que se identificam com a formação discursiva de direita e

²⁴ O texto de apresentação retirado da página Eu era direita e não sabia (2020) é reproduzido tal qual.





desmerecendo aqueles que defendem uma formação discursiva de esquerda (como indica “mediócras”). Essa comparação reforça a configuração de um grupo social distinto que se identifica com os mesmos interesses, valores e ideais, ou seja, discurso, e se opõem a outro grupo caracterizado por este como sendo o rival, “a esquerda”. Na nomeação da *homepage* “direita” tem duplo sentido: de representar a direita política e a “pessoa direita”, “correta”, “íntegra”.

Na imagem do perfil que se poderá ver na SD 2, as mãos oferecem duas pílulas, a mão direita, uma verde, e a esquerda, uma vermelha, fazendo alusão ao filme de ficção científica Matrix em que o personagem Neo teria de escolher: conhecer a verdade (tomando a pílula vermelha) ou continuar com a ilusão que aprisiona o sujeito em um mundo de mentira (tomando a pílula azul)²⁵. Estamos consideramos que a oferta de pílulas vermelha e verde pela *homepage* faz uma paráfrase discursiva do filme Matrix com duas reformulações: pois apontaria a pílula vermelha, por representar a cor da bandeira comunista, como aquela que manteria o cidadão alienado à realidade; e a cor verde, por remeter à ao brasão da república, representaria a pílula da verdade no lugar da azul, reformulando assim as alegorias trazidas no filme. A página, com a pílula “verde” (o que também pode representar a cor do exército brasileiro), promete oferecer a “verdade” em suas postagens desmentindo notícias da grande imprensa,

²⁵ Cena do filme disponível em Boomer (2014).



como rede Globo e Folha de São Paulo, mencionadas na apresentação e atacadas em algumas postagens²⁶.

A polarização política materializada nas SDs 1 e 2 representa imaginariamente a luta contra o “bem” e o “mal”, travada nas eleições e que, mesmo vitoriosa “na batalha”, persiste face às críticas ao governo Bolsonaro. É então que se faz necessário “lutar” para preservar a imagem do “mito” como vemos nas SDs a seguir:

SD 2

Imagem 4 – Postagem “comparativo 2015 e 2020”.



Fonte: Eu era direita e não sabia (2020).

A SD 2 faz uma comparação entre os governos da presidente Dilma Rousseff (PT) e do presente Jair Messias Bolsonaro (sem partido). As cores

²⁶ Para respeitar a limitação do *corpus* selecionado para esse artigo não abordaremos essas postagens aqui. Porém cabe ressaltar que o próprio presidente Bolsonaro, desde a campanha, citava o versículo bíblico: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” - Jo 8:32, na promessa de trazer a verdade e libertação ao povo.

FERNANDES, C. Resistências em disputa: uma análise do processo polissêmico de significação de “luta” e “opressão”. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 294-334, set./dez. 2020.



escolhidas para a coluna do governo petista é o vermelho e o verde para o governo Bolsonaro, o que faz referência não só ao partido de esquerda e ao nacionalismo de Bolsonaro, mas às cores das pílulas na imagem do perfil da *homepage*. Não é à toa que o verde também é a cor usada para representá-lo como super-herói como vimos em SD 1 do recorte 3. O verde está do lado da nação, ao passo que o vermelho seria a cor do comunismo, dos inimigos como dizem as palavras de ordem nas manifestações contra o governo Dilma: “Nossa bandeira jamais será vermelha!”.

O comparativo traz dados sem indicação de fonte dos anos de 2015 e de 2019, sobre inflação, taxa de juros, risco país e da bolsa de valores de São Paulo (IBOVESPA). A informação sobre os indicadores é seletiva (não apresenta, por exemplo, o valor do dólar, do gás de cozinha, a taxa de desemprego, o PIB etc.)²⁷ e os valores representam a flutuação do mercado financeiro mais favorável em 2019 que em 2015, e não propriamente o resultado de ações do governo. Mesmo assim esses dados são mobilizados para produzir o efeito de sentido de que uma administração é muito mais eficiente que a outra, apontando os seguintes motivos: “uma boa equipe econômica”, “sem populismo”, “e responsável”.

Reproduzir as críticas de especialistas ao governo, a repercussão que geram seus comentários agressivos, as críticas à sua postura não cordata é ação vista como uma afronta ao governo Bolsonaro, o que suscita a resistência do sujeito-bolsonarista para preservar a imagem de “mito”do político. Ao mesmo tempo em que ataca a mídia por fazer tais críticas, o bolsonarista usa

²⁷ Sobre o assunto consultar as reportagens disponíveis em Bragon *et al.* (2019) e Ramos (2019).



as redes sociais para mostrar apreço às atitudes censuradas do presidente, como observamos na SD 3:

SD 3:

Imagem 5 – postagem “carinho de Bolsonaro”



Fonte: Eu era direita e não sabia (2020).

O gesto que o presidente faz com o braço, ironicamente chamado de “carinho”, mostra desprezo pelos sujeitos descritos na postagem: bandidos, jornalistas maliciosos, esquerda, petistas e opositores ao governo que são vistos como “coisas” e “pessoas” que não querem “ver o Brasil grande”, ou seja, são do contra só para não permitir que o país cresça. A resistência se faz aqui pela convocação aos seguidores da página a ignorar quaisquer comentários e notícias que desqualificam o governo. Não permitir a polissemia sobre Bolsonaro não seria esta a própria ação de tomar a pílula da ilusão? A alienação parece se fazer só de um lado segundo a FD de direita. Na AD, sabemos que a “emancipação” da ideologia não é possível, sendo que é o que



constitui o indivíduo em sujeito social (Indursky, 2007). Explica Indursky (2007) que o sujeito se desidentifica com uma formação discursiva porque já está inserido em outra. No caso do bolsonarismo, o sujeito rejeita os comentários contrários ao seu herói porque está completamente interpelado por uma posição-sujeito de extrema direita.

A resistência se faz pelo desejo de mudança, de que sejam possíveis as mudanças prometidas na eleição, assim, para dar plenos poderes ao presidente eleito, discursos sobre o fechamento do congresso e convocação a marchas retornam como modos de manter, mesmo que por meio da repressão, o “mito” no poder. A convocação à militância virtual é feita diariamente em diversas páginas de rede social sob a *hashtag* “Bolsonaro tem razão”, referindo-se a suas opiniões a respeito da condução do país que não são respeitadas pelos demais poderes²⁸.

Em meio a uma crise mundial de pandemia de Coronavírus, em que as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) é fazer o isolamento social, o presidente Jair Messias Bolsonaro incentiva seus seguidores a participarem presencialmente de manifestação a favor de seu governo. Sem proteção contra a infecção, o presidente interage com os manifestantes que carregam cartazes com pedidos de fechamento de congresso e retorno do Ato Institucional número 5, que dava amplos poderes ao Estado para punir seus opositores como vemos na SD 4:

²⁸ Por exemplo as críticas feitas ao presidente da Câmara dos deputados, Rodrigo Maia, por não aprovar na íntegra emendas e projetos de lei propostos pelo gabinete presidencial como o decreto das armas, que flexibilizou o porte de armas e munições, mas não garantiu a exclusão de ilicitude, pauta eleitoral importante para a extrema direita. Ou o ministro da Saúde, na época, Luiz Henrique Mandetta, que rejeitava a proposta de Bolsonaro de instituir isolamento vertical ao invés de horizontal como medida de contenção da pandemia de Coronavírus.





SD 4:

Imagem 6: Captura de tela da postagem “AI 5 já”:



Fonte: Somos Todos Bolsonaro (2020).

A SD 4 mostra a bandeira nacional, símbolo pátrio, toda craquelada, como se fosse o país em ruínas, um braço acorrentado em gesto de luta, representando o patriota que quer lutar sendo impedido e os dizeres: “AI-5 já” e “Povo que não luta acaba humilhado e escravizado”. Essa postagem serve como convocação à manifestação que reuniu os apoiadores do presidente que está sendo, segundo eles, impedido de governar e por isso o “povo” (dito assim de forma apagar a heterogeneidade) deve “lutar” ou seja mostrar seu apoio e pedir por intervenção militar para fechar o congresso, extinguir os partidos políticos e punir aqueles que impedem Bolsonaro de fazer as mudanças prometidas.

Voltamos a falar da gestualidade da forma material que esse discurso imprime. Por a imagem produzir “um impacto maior” que a palavra (FERNANDES, 2008, p. 102), o recurso visual é frequentemente usado nas redes sociais para chamar a atenção do olhar do sujeito-internauta. Assim, as cores, as formas, a textura, tudo produz sentido, e o contraste entre o





verde/amarelo com o vermelho remete ao imaginário da oposição entre o lado em que se está e o lado que se quer silenciar, suprimir.

Após o ato ser taxado pela mídia como antidemocrático, a página do *Facebook* “Somos Todos Bolsonaro” começou uma disputa virtual com a esquerda que disparava na rede entre os “assuntos do momento” com *hashtag* “*impeachmentdoBolsonaroURGENTE*”. Moderadores da página e o uso de robôs²⁹ convocaram a militância cibernética a aumentar a contagem de *tags* usando exatamente a mesma *hashtag*: #FechadoComBolsonaro a fim de mostrar superioridade quanto ao número de seguidores³⁰, produzindo assim o efeito de que a maioria está ao lado de Bolsonaro. A partir dessa chamada, a repetição parafrástica da tal *hashtag* se faz de forma mnemônica e ininterrupta nos comentários, apenas para ultrapassar “os números da esquerda”³¹.

A análise dos recortes dessas páginas autodesignadas “de direita”, ou que assumem a posição-política a favor da ditadura militar, mostram o funcionamento de um discurso de intolerância que resiste aos sentidos que reinstauraram a democracia no país, sentidos esses que constituem as redes de formulação possíveis dentro de uma formação discursiva de direita, ou ainda de extrema direita³².

²⁹ Perfis falsos usados para disseminar ataques a adversários e frases pró-Bolsonaro nas redes.

³⁰ Mais sobre o assunto em Fernandes (2020).

³¹ Desviaremos muito o foco do artigo se formos tratar da repetição no nível intradiscursivo operado por robôs virtuais, apenas ressaltamos o uso desse mecanismo para disseminar discursos e promover o efeito de sentido de glória.

³² Salientamos que a análise desenvolvida nesse artigo trata apenas de uma das FDs que produzem sentidos na rede social Facebook, com isso queremos dizer que não significa que o Facebook é um “reduto direitista”, visto que outras análises podem muito bem recortar de lá sequências discursivas de uma FD antagônica a esta.





A compreensão do modo de funcionamento desse discurso pela materialidade digital (DIAS, 2016) permitiu-nos observar o deslizamento de sentidos de “luta” e “opressão” como resultantes da disputa pela estabilização dos sentidos acerca do regime militar no país. Os sentidos de necessário e de abominável representam os polos desses discursos antagônicos que dividem a sociedade, não apenas em direita e esquerda, mas considerando todas as nuances das formações ideológicas que constituem o corpo social brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossa análise, observamos que as forças políticas afetam a linguagem, provocando tensão no dizer “opressão” e “luta” e uma disputa pelo controle dos sentidos e pelo gerenciamento da memória coletiva. Assim, o efeito de sentido de “luta” como luta por liberdade e de “opressor” como aquele que priva as pessoas dela não se tornam consensuais, mas produtos do conflito entre resistências de ordens distintas.

Refletindo sobre esse fenômeno semântico, remontemo-nos à teoria dos Aparelhos Ideológicos do Estado, de Althusser (1992). Segundo o autor (1992, p. 38), “toda luta de classes política gira em torno [...] da tomada e da conservação do poder de Estado, por uma certa classe, ou por uma aliança de classes ou de frações de classes”, no entanto, salienta o autor (1992) que essa tomada de poder não implica uma transformação imediata no aparelho do Estado. Entendemos que as alianças políticas e entre as classes que permitiram a eleição e a manutenção de um governo “de esquerda” no Brasil produziu certa reconfiguração do poder, porém não efetivou a reestruturação do aparelho do Estado, que, preservando intactos os privilégios da elite brasileira, não favoreceu o rompimento com a formação discursiva





dominante. A ascensão política de opositores ao regime militar possibilitou o acontecimento discursivo de políticas de Resgates da Memória, mas não causou o silenciamento das vozes da repressão que continuaram ressoando do interdiscursivo e irromperam de modo contundente no fio discursivo, e sobretudo no digital, para eleger políticos conservadores e até mesmo propagadores de discursos de ódio.

O arquivo institucional não foi suficiente para estabilizar os sentidos e tampouco seria eficiente em evitar as falhas na interpelação ideológica que defende um Estado Democrático de Direito. É nas brechas da linguagem que a formação discursiva de direita vai resistindo e convocando seus “guerreiros” para “lutar” a favor de uma intervenção militar que reprima e silencie seus adversários.

Considerando, portanto, a polissemia e a resistência constitutivas da linguagem e do sujeito, assim como de todo processo discursivo, não há como escapar do antagonismo, é a resistência que domina na alternância entre as diferentes tomadas de poder. O que nos cabe como analistas, portanto, é compreender o processo como propôs Hanna Arendt:

Compreender não significa negar o ultraje, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. [...]. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido. (Arendt, 2012, p. 21)

Compreender, para Arendt (2012), também é um modo de resistência. Não significa considerar aceitáveis todos os sentidos, mas entender que





são possíveis de existir e podem promover mudanças também no sentido de retrocessos. Logo, o enunciado “resistir é preciso” ainda ressoa na luta contra as injustiças, os atentados à liberdade, a violência aos oprimidos e os discursos de ódio que não cessam de se reproduzir por todos os lados.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

ALUNOS de direita. **Facebook** [página]. Disponível em: <https://www.facebook.com/alunosdedireita>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ALUNOS de direita. **Facebook** [perfil usuário]. Disponível em: <https://www.facebook.com/alunos.dedireita.77>. Acesso em: 2 de mar. 2020.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995.

BOOMER, M. **Matrix-Pílula**. 2014 (3:34s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Nqgc-UgpEww>. Acesso em: 3 mar. 2020.

BRAGON, R. *et al.* No primeiro semestre sob Bolsonaro, 44 indicadores pioram e 28 melhoram. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/no-primeiro-semester-sob-bolsonaro-44-indicadores-pioram-e-28-melhoram.shtml>. Acesso em: 03 mar. de 2020.





DALTOÉ, Andréia da Silva. A comissão nacional da verdade e suas ressonâncias nos documentários Verdade e Em busca da verdade. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 153-167, jan./abr. 2016.

_____.; A; MARQUES, J. da S. A im(p)umidade parlamentar: ditadura e memória. **Memorare**, Tubarão, v. 4, n. 3. Dossiê Marcas da Memória: direitos humanos, justiça de transição e anistia, p. 61-77, set./dez. 2017.

DIAS, C. P. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **REDISCO - Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.

EU era direita e não sabia. **Facebook** [comunidade]. Disponível em: <https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia>. Acesso em: 2 de mar. 2020.

FARIA, M. Alunos são suspensos por apoiarem Bolsonaro, mas críticos do político não. **ILISP**. 2016. Disponível em: <http://www.ilisp.org/noticias/alunos-sao-suspensos-por-apoiarem-bolsonaro-mas-criticos-do-politico-nao/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

FERNANDES, C. **O imaginário de Veja sobre os “Lulas presidenciais”**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERNANDES, M. ‘Live do AI-5’ mobiliza bolsonarismo nas redes sociais, escreve Manoel Fernandes. **Poder 360**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/midia/live-do-ai-5-mobiliza-bolsonarismo-nas-redes-sociais-escreve-manoel-fernandes/>. Acesso em: 3 maio 2020.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. São Paulo: Pontes, 2004.

GRIGOLETTO, e.; NARDI, F. S. A (des)construção do herói nos discursos sobre o mensalão: o caso Joaquim Barbosa. **Desenredo**, v. 11, n. 1, jan-jun. 2015, p. 118-133.





HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2011, 13-32.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: _____; FERREIRA, M. C. L. (Org.) **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. As outras vozes e as feridas ainda abertas (posfácio). In: _____. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013, p. 323-342.

_____. Políticas do esquecimento X políticas de resgate da memória. In: FLORES, G. G. B. et al. (orgs.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. V. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 11-27.

_____. Os (des)caminhos do discurso político brasileiro na contemporaneidade. In: GRIGOLETTO, Evandra ; DE NARDI, Fabiele S. (orgs.). **A Análise do Discurso e sua história**: Avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 65-103.

_____. Discurso, Mídias e formas de resistências. In: FLORES, G. G. B. et al. (orgs.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. V. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 125-145.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. *et. al.* **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

_____. Resistir, resistir, resistir... Primado prático discursivo! In: Ferrari, A. S. *et al.* (Org.). **Discurso, resistência e ...** Cascavel, PR: UNIOESTE, 2015.



MANIFESTAÇÃO em Goiânia pede intervenção militar. **O popular**, 2016. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/editorias/cidades/manifesta%C3%A7%C3%A3o-em-goi%C3%A2nia-pede-interven%C3%A7%C3%A3o-militar-1.1247342>. Acesso em: 12 maio 2017.

NEXO JORNAL. Think tanks e como eles influenciam a política. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/01/O-que-s%C3%A3o-think-tanks.-E-como-eles-influenciam-a-pol%C3%ADtica>. Acesso em: 2 de mar. 2020.

ORLANDI, E. P. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: _____. (Org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

Pêcheux, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. *et al.* (Orgs). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas, SP: Unicamp, 1994.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

RAMOS, M. Não há o que comemorar na economia de Bolsonaro. **Congresso em foco**, 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniao/colunas/nao-ha-o-que-se-comemorar-na-economia-real-de-bolsonaro/>. Acesso em: 3 de mar. 2020.



RESISTIR é preciso: documentário em série conta a história da imprensa alternativa na ditadura militar. **O Cafezinho**. 2016. Disponível em: <http://resistirepreciso.org.br/>. Acesso em: 12 maio 2017.

SANTI, A. de. **Dossiê Superinteressante: Nazismo no Brasil**. São Paulo: Abril, 2017.

Scheffer, F. Esquerda e direita: velhos e novos temas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, 2014, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu, 2014.

SOMOS todos Bolsonaro. **Facebook** [comunidade]. Disponível em: https://scontent.fria4-1.fna.fbcdn.net/v/t1.09/93854637_2633880806722367_4893621703394983936_n.jpg?_nc_cat=102&_nc_sid=8024bb&_nc_ohc=vWD9z1e8ZJ4AX9qtvey&_nc_ht=scontent.fria4-1.fna&oh=c13b64f5273015c7a3866035dfec5aac&oe=5EC22893. Acesso em: 20 abril 2020.

